

TERRA EM CONFLITO, HARMONIAS POSSÍVEIS: O CASO D' O CEGO ESTRELINHO

Cláudio de Sá Capuano*

* Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ.

T

Resumo

ratar de guerra, em países em que ela foi presente por quase meio século, antes e depois dos processos de independência, tem sido tema recorrente em suas literaturas. Em Moçambique, o escritor Mia Couto se utilizou do tema mais de uma vez, para abordar não apenas as mazelas de guerras em curso, mas também de suas consequências pós conflitos. O presente trabalho analisa a estruturação discursiva do conto “O cego Estrelinho”, publicado no volume **Estórias abensonhadas**. No texto, Mia Couto aborda a guerra de forma indireta, por meio da interessante relação de amor entre o cego, seu amigo-guia e, posteriormente, a irmã deste. Entre amizade e sensualidade, lemos ali a dura realidade da guerra, em paralelo com o estabelecimento de relações humanas com ela em diálogo.

Palavras-chave: Mia Couto; O cego Estrelinho; **Estórias abensonhadas**; Literatura moçambicana; Metáfora.

PALAVRAS INICIAIS

As chamadas literaturas africanas produzidas em língua portuguesa vivem ainda uma espécie de infância, obviamente não por falta de maturidade, mas por terem, cronologicamente falando, um tempo de vida ainda pequeno, em relação às outras – à brasileira e, principalmente, à portuguesa. Não é de se estranhar que seja possível a observação de aspectos semelhantes entre a literatura romântica brasileira, tida pela crítica como o momento de fundação, e a atual literatura em língua portuguesa dos países africanos que tiveram a presença colonial portuguesa.

Tais semelhanças reportam-se, pelo olhar que aqui procuro lançar, a questões temáticas. Se a valorização da cor local foi necessária para a formação de uma identidade brasileira, processo a uma só vez semelhante, mas distinto, pode ser observado em relação à África. Entre

nós, acreditava-se que, dentro da mentalidade romântica oitocentista, pintar a cor local, valorizar o tipo brasileiro – ainda que o nosso primeiro modernismo tenha posteriormente, e com razão, criticado tal tipo – era a via da criação de uma identidade literária e, por extensão, nacional.

Para os africanos-escritores, boa parte deles hoje em pleno processo de criação e ainda mais velhos que os países em que nasceram, escrever a pátria é, antes de mais nada, escrever a própria cultura local, daí o conceito de contra-literatura funcionar tão bem como ferramenta de leitura crítica desse tipo de produção literária. A ideia consiste em dois pilares: reescrever literariamente a imagem cultural e valorizar o particular em detrimento do panorâmico. O resultado é a criação de um discurso outro, de uma outra visão que não tem por projeto a crítica explícita aos modelos preconceituosos – e “preconceituados” –, dos estereótipos moldados pelas lentes do olhar do colonizador branco. Combinados entre si, os dois elementos podem ter produzido textos aparentemente ingênuos, mas que, se lidos por essa ótica, apresentam forte significação metafórica. Exemplifico com um caso moçambicano.

José Craveirinha, jornalista e escritor muito atuante ainda no período colonial, utilizava-se do espaço do jornal, para publicar pequenos textos literários, que muitas vezes ocupavam o vazio deixado por matérias censuradas. Reunidos posteriormente em livros, essas crônicas podem hoje ser lidas como a forma encontrada pelo autor para apresentar visões diferentes daquela que o senso comum tinha do homem do lugar.

No conto “História de Sonto: o menino dos jacarés de pau”, independentemente da história triste da mãe morta para salvar o filho, há duas representações femininas muito distintas entre si. Elas dão conta do abismo que separa uma portuguesa branca de vida abastada de uma moçambicana negra e pobre. Enquanto a primeira não sabe o que fazer para o almoço, se assa bacalhau ou se prepara as amêijoas vendidas pela negra, a segunda luta desde a madrugada para coletar o molusco e vende-os por preço irrisório, devidamente regateado pela outra. Enquanto uma perde a vida no duro ofício de recolher o fruto do mar para poder sobreviver, a outra declara, ao perceber que a negra não lhe trará a encomenda: “Não se pode confiar nestas mulheres!” (CRAVEIRINHA, 1997, p. 46).

Esse parece-me um exemplo claro em que o escritor José Craveirinha consegue unir os dois aspectos acima citados. A partir de um enredo que traça aspectos do cotidiano de duas mulheres que vivem no mesmo lugar, mostra-se a diferença entre os lugares sociais ocupados por cada uma. Mais que isso, evidencia-se um verdadeiro abismo entre elas, ressaltado pela total inobservância por parte da que representa o colonizador das agruras pelas quais tem de passar a africana.

O tema da guerra, devido a sua presença durante o período da guerra colonial e, posteriormente, pelas inúmeras guerras civis pós-independências, passa a ser recorrente na literatura. No entanto, ele surge em obras maiores, quase sempre destacando o horror que o conflito armado, prolongado por décadas, pode gerar. O escritor moçambicano Mia Couto por várias vezes se utilizou do tema como mote para criação de

belas obras literárias, caso do fantástico romance **Terra sonâmbula**. No entanto, é sobre o pequeno conto “O cego estrelinho”, publicado no volume **Estórias abensonhadas**, que se vai refletir no presente texto, pois há nele uma interessante alternativa no tratamento dado ao tema da guerra.

PECULIARIDADES DA LINGUAGEM NO CONTO “O CEGO ESTRELINHO”

No conto “O cego Estrelinho”, como em boa parte dos textos de Mia Couto, é a construção da linguagem, refletida principalmente em neologismos sucessivos e inusitados, o primeiro elemento a chamar a atenção do leitor. Num processo que lembra a estilística de um Guimarães Rosa, o narrador nos apresenta a situação inicial da história a ser contada: um jovem cego e seu inseparável companheiro que o guiara por toda a vida.

O guia, no entanto, nos é apresentado como mais que um elemento a serviço da necessidade do outro. Empresta-lhe parte do seu corpo, sua própria mão, elo entre o cego e a visualidade do mundo. A condução de alguém que não enxerga pode ser feita mecanicamente por qualquer pessoa, até mesmo por um cão treinado. No entanto, mão sobre mão, Estrelinho e Gigito, o guia, formam um só corpo. Mais que isso: pelos olhos do guia o cego tomava conhecimento do mundo: “Memória de Estrelinho tinha cinco dedos e eram os de Gigito postos, em aperto, na sua própria mão” (p. 21)¹.

Todas as referências ao Conto “O cego Estrelinho” serão indicadas apenas pela página. A referência completa encontra-se no final do texto.

Acontece que – e aí está o primeiro e sutil elemento que sugere um cenário arruinado pela guerra – Gigito descrevia ao amigo não o mundo que via – a terra em conflito –, mas o que provavelmente gostaria de ver. E o cego assumia o lugar da criança que ouve uma história e acredita no mundo fabuloso que lhe é narrado. Diz Estrelinho: “Que maravilhação esse mundo. Me conte tudo, Gigito!” (p. 21)².

Trechos do narrador serão transcritos em caracteres normais. Fala dos personagens aparecerão sempre entre aspas.

Ao mesmo tempo realista e simbólico, ou talvez de um realismo simbólico, há no conto dois elementos iniciais que merecem destaque: a noite e a figura de um pássaro branco.

A noite não deveria fazer diferença para um cego, mas, em sua relação “siamensal” com o guia, Estrelinho temia a noite e sentia sua cegueira diariamente renovada, sempre que o amigo adormecia. A noite é claramente o momento em que a ausência do guia se faz presente; é o momento em que o jovem se encontrava só, não na sua incapacidade de ver, mas solitário na sua limitação de viver independentemente.

A primeira referência à figura do pássaro branco vem do próprio Gigito: “Aflição é ter um pássaro branco esvoando dentro do sono” (p. 22). Ele retornará como prenúncio de morte, mais no final do texto, como aliás acontece em outro conto, “Nas águas do tempo”, que abre o mesmo **Estórias abensonhadas**. Num claro diálogo com o conto de Guimarães Rosa “A terceira margem do rio”, quase ao final do texto, “uma garça de enorme brancura” atravessa o céu. É a senha para que o menino do outro texto de Mia Couto possa entender que o avô passara para uma outra margem, de onde passaria a acenar com um lenço branco.

O medo ancestral de estar só à noite manifesta-se inusitadamente em Estrelinho, porque é o próprio medo da morte, o medo de ver voar o pássaro branco: “Na manhã seguinte, o cego lhe confessava: se você morrer, tenho que morrer logo no imediato. Senão-me: como acerto o caminho para o céu?” (p. 22). Dissocia-se, portanto, da questão da ausência da luz, já que essa era a realidade do cego. A partir daí o binômio morte/vida – fim/começo – passa a ser constituído como ponto em torno do qual as simbologias do texto se desenvolvem.

No mês de dezembro, mês em que o ano se finda, Gigito é afastado de Estrelinho. A guerra é por fim enunciada: “Foi no mês de dezembro que levaram Gigitinho. Lhe tiraram do mundo para pôr na guerra...” (p. 23). Repare-se que no texto o mundo é um espaço diferente daquele em que se processa a guerra. O guia apenas informa que sua irmã tomará seu lugar ao lado de Estrelinho, e se afasta, evitando uma despedida acalorada, negando às mãos, antes sempre entrelaçadas, um aperto de despedida.

“Agora, só agora, sou cego que não vê” (p. 23). “Desemparelhadas” as mãos, a solidão dói, a noite o amedronta. Como descrevera o amigo, a garça branca surge em seu sonho, mas ele, por aflição, desvia o “vazado olhar”. O mau agouro que a visão imaginada sugere é surpreendentemente desfeito em pouco menos de uma página, já quase ao fim do conto. A mão do guia é substituída enfim pela de sua irmã, da mesma forma que as descrições imaginadas do amigo, que “via para não crer”, dão lugar a um mundo real, aos poucos se “desiluminando”, devido à precisão das palavras da moça. O mundo enfim não era mais o captado pelo olhar de Gigito e que era traduzido nas palavras que alegravam o cego. Assim, o sentimento de perda se transmuta em tristeza, a tristeza em falta de fome, a inapetência em fraqueza, a fraqueza em necessidade de amparo. As mãos emparelhadas se transformam em corpos aproximados, e os corpos aproximados se manifestam em desejo:

Desde então, a menina passou a conduzir o cego. Fazia-o com discrição e silêncios. E era como se Estrelinho, por segunda vez, perdesse a visão. Porque a miúda não tinha nenhuma sabedoria de inventar. Ela descrevia os tintins da paisagem, com senso e liberdade. Aquele mundo a que o cego se habituara agora se desiluminava. Estrelinho perdia os brilhos da fantasia. Deixou de comer, deixou de pedir, deixou de queixar. Fraco, ele careceu que ela o amparasse já não apenas de mão mas de corpo inteiro. De cada vez, ela puxava o cego de encontro a si. Ele foi sentindo a redondura dos seios dela, a mão dele já não procurava só outra mão. Até que Estrelinho aceitou, enfim, o convite do desejo. (p. 24)

O que a princípio era signo de morte, apresenta-se como renascimento. O ciclo do jovem rapaz cego e dependente de um guia cede lugar ao homem que não pode ver, mas que já não teme o sono nem a noite. O que era para ser morte, e foi, era para também ser vida, e igualmente foi. As lições de Gigito são retomadas.

Acontece que na mesma noite a garça regressa, no sono da moça, de nome Infelizmina. Gigito morrerá na guerra. Ele, órfão do amigo, ela “órfã de seu irmão”.

A morte de Gigito por fim sela o destino do cego. Agora é ele quem imagina o mundo, percebido pelos olhos da sensibilidade, que não precisam ver de fato para vislumbrar. Para animar a moça, deprimida pela perda, Estrelinho oferece-lhe o que sempre recebera do amigo:

Até que a ela se chegou o cego e lhe conduziu para a varanda da casa. Então, iniciou de descrever o mundo, indo além de vários firmamentos. Aos poucos foi despontando um sorriso: a menina se sarava da alma. Estrelinho miraginava terras e territórios. (p. 25)

Conduzido por toda a vida, o cego passa agora a ser ele próprio o guia:

-Isso tudo, Estrelinho? Isso tudo existe aonde?

E o cego, em decisão de passo e estrada, lhe respondeu:

- Venha, eu vou-lhe mostrar o caminho! (p. 25)

ÚLTIMAS PALAVRAS

A beleza das palavras convertidas em frases se articula em história no texto de Mia Couto e traz ao leitor uma possibilidade de leitura que beira o alegórico. O conto "O cego Estrelinho" é antes de tudo uma história de amores, desenvolvida a partir da ideia da amizade traduzida por gestos profundamente marcados pela solidariedade.

O cego encontra na necessidade de guia a mão amiga que o conduz nos primeiros estágios da vida. É pelas mãos de Gigito, como bem se lê no texto, que Estrelinho trava um conhecimento tátil e imaginário com o mundo. A mão do guia escreve, no entanto, um mundo que só existe a partir do olhar por ele lançado na paisagem. A inconcretude de suas descrições se materializa em plena existência concreta na memória do cego.

O período do convívio entre os dois pode ser lido como o do nascimento. As mãos do guia, como as de uma parteira, o trazem para a vida. Mas é também o próprio desenvolvimento de Estrelinho como ser humano que se inaugura a partir da relação com Gigito.

O homem que ele seria, no entanto, não poderia ter sua iniciação feita pelo amigo. É nesse ponto que a guerra toma seu papel. Para dois homens daquela faixa etária, ingressar na guerra seria uma questão de tempo. Para Gigito, o momento chega, nem bem atingira idade. Para Estrelinho, o momento não chega, pois a ausência do sentido da visão o presenteia com a impossibilidade física de guerrear. Naquele momento, a cegueira que os unia é a mesma que os separou. A separação marcará um novo estágio de desenvolvimento de Estrelinho.

Ao ver-se sozinho, com a partida do amigo, Estrelinho passa, como se viu, pelo enfrentamento solitário dos seus próprios medos. O encontro com a moça Infelizmina marca outra espécie de rito de passagem: o jovem cego torna-se homem. E isso não se dá meramente devido à iniciação sexual que com ela ocorre. Na ausência de Gigito, Estrelinho aprende a ser só. Sozinho aprende que ser homem é também encontrar a plenitude ao lado de uma mulher.

É de extrema beleza a forma sutil como o texto trabalha nas suas entrelinhas os processos naturais de substituição de papéis. Gigito, espécie de pai, tanto de Estrelinho quanto de Infelizmina – que se sente inclusive “órfã de seu irmão” (p. 25), tem, por sua marcante presença na vida dos dois, o poder de iniciá-los para a vida. A sua morte na guerra é a condição do renascimento dos dois, amigo e irmã, para uma outra vida. O curioso é que essa nova vida continuará a ter o olhar da realidade a caminhar lado a lado com a visão do “olhar vazado” da imaginação.

História de amor, de amizade e sensualidade, de morte que reproduz nascimentos e renascimentos, “O cego Estrelinho” é uma narrativa simbólica porque nos relembra que o destino do homem é viver. Mesmo em tempos de guerra, vive-se. E se se vive, estreitam-se laços, ama-se.

Um conto como o que aqui pretendemos abordar em leitura livre atesta a possibilidade de se tratar do presente como metáfora de todos os tempos e de se abordar a realidade local no que ela tem de universal. A metáfora, aliás, como nos ensina o filósofo alemão Hans Blumenberg, “fixa aquilo que não aparece”, mas também “mostra mais do que aquilo que contém” (BLUMENBERG, 1990, p. 106).

Não se trata de ser menos ou mais africano em um texto em que uma eventual negritude não se explicita. Muito menos a ausência de um engajamento sócio-político refletido nas palavras do texto pode ser índice de uma literatura desenraizada. Não é preciso, por fim, criar uma literatura que reproduza textualmente os horrores da guerra, pois eles sempre se farão presentes em sua dura realidade. Contudo, teimosos, porque predestinados à vida, os homens cumprem a difícil tarefa de estabelecer, mesmo na terra em conflito, possíveis harmonias. A vida, fruto da criação de profundos laços humanos, com guerra ou paz, poderá estar sempre em diálogo.

ABSTRACT

Talk about war, in countries where it lasted for nearly half a century, before and after the independence process, has been a recurring theme in literature. In Mozambique, the writer Mia Couto has dealt with the theme more than once, to address not only the wounds of wars going on, but also post-conflict consequences. This study examines the discursive structuring of the story “O cego Estrelinho”, published in *Estórias Abensonhadas*. In that text, Mia Couto discusses the war indirectly, through the interesting relationship between a blind man, your friend and guide and, later, the guide’s sister. Between friendship and sensuality, we learn about the terrible reality of war, in parallel with the establishment of human relations in dialogue with it.

Key words: Mia Couto; O cego Estrelinho; *Estórias abensonhadas*; Mozambican literature, Metaphor.

REFERÊNCIAS

BLUMENBERG, Hans. **Naufração com espectador**. Lisboa: Vega, 1990.

COUTO, Mia. **Estórias abensonhadas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

CRAVEIRINHA, José. História de Sonto: o menino dos jacarés de pau. In: **Hamina e outros contos**. Maputo: Ndjira, 1996, p. 39-46.